

*Direção:* Paulo Porto. *Roteiro e diálogos:* Péricles Leal, Gilberto Braga e Paulo Porto. *Argumento:* Péricles Leal. *Fotografia e Câmera:* Antônio Gonçalves. *Montagem:* Rafael Valverde. *Trilha musical:* Paulo Santos. *Cenografia e figurinos:* Arthur Maia. *Diretor de Produção:* José Oliossi. *Produtor executivo:* Paulo Porto. *Elenco:* Paulo Porto (Marcelo), Maria Fernanda (Márica), Denise Bandeira (Tânia), Zaira Zambelli (Lena), Manfredo Colassanti, Anselmo Vasconcelos, Roberto de Cleto, Shulamith Yaari, Perla Lucena, Rafael Ponzi, Márcio Augusto, Beth Buarque, Angelina Muniz, Deny Perrier, Paulo Neves, Jurandir Silva, Roque Bittencourt e o povo de Angra dos Reis. *Produção:* Ventania Filmes, Embrafilme, J. B. Tanko. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil, 1979.

## O CORONEL E O LOBISOMEM

O próprio José Cândido de Carvalho, autor do romance, escreveu os diálogos da versão cinematográfica de *O Coronel e o LobisOMEM*. O filme de Alcino Diniz conta a história de Ponciano de Azeredo Furtado, coronel da Guarda Nacional que, em suas alucinações, vê cobradores de impostos se esgueirarem por detrás do arvoredo.

O clima de euforia e declínio do ciclo da cana-de-açúcar na lavoura fluminense é revivido na ambiência da Fazenda Sobradinho, onde Ponciano enfrenta uma batalha judicial com o capataz Juquinha Quintanilha, afronta os riscos de uma tocaia, apaixonase e é repudiado por mulheres (a professora Isabel Pimenta, a tia desta, Dona Bebê de Melo), ouve conselhos de um lobisOMEM, namora uma sereia, metese em negócios de açúcar, enriquece e fica pobre.

Em todos esses lances, o coronel (Maurício do Valle) dá mostra da originalidade de seu temperamento: o matador profissional lhe desperta ternura e, quando as mulheres o desprezam, conclui que elas não estão à altura de sua posição e



Maurício do Valle.

nobreza. Quando a crise faz cair os preços do açúcar, transforma-se em uma espécie de Dom Quixote rural: vende tudo para pagar as dívidas e parte para o sertão levando como companhia um sabiá laranjeira. Em sua solidão e loucura, tem como arma uma espingarda imaginária, com a qual dispara tiros contra inimigos inexistentes.

*Direção e Roteiro:* Alcino Diniz. Baseado no romance de José Cândido de Carvalho, também autor dos diálogos. *Fotografia:* Antônio Gonçalves. *Cenografia:* Nilton Rabelo e Wagner Seixas. *Figurinos:* Amélia Bezerra de Menezes. *Direção de produção:* Eliana Cobbett e Pedro Gentil. *Montagem:* Giuseppe Bandacconi. *Música:* Helvius Vilela e Marco Versiani. *Elenco:* Maurício do Valle, Maria Cláudia, Jofre Soares, Isabel Ribeiro, Lídia Costa, Clea Simões, Selma Egrei, Louise Cardoso, Nildo Parente, Fernando Reski, Emanuel Cavalcanti, Luthero Luiz, Matosinho, Erley José, Rosana Pena, Neila Tavares, Tonico Pereira, Alfredo Murphi, Marcus Vinicius, Wilson Grey, Nélia Paula, Jota Barroso, Otávio Augusto, Marcos Toledo, Antônio Ganzarolli, Germano Filho, Edna Tonazathi, Wladimir Sampaio. *Produção:* Alcino Diniz Filmes e Embrafilme. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil, 1978.



Léa Garcia.

## A DEUSA NEGRA

*A Deusa Negra* é uma co-produção brasileiro-nigeriana. Para ela, associaram-se a Magnus filmes e a Fundação Afrocult, em torno de um roteiro que inverte o percurso da investigação descrita no *best seller* norte-americano *Negras Raízes*, de Alex Haley: trata-se agora de um africano, Babatunde, que busca encontrar no Brasil seus parentes e revive, pelos caminhos mágicos do candomblé, o percurso de seu ancestral feito escravo, Oluyole.

O diretor, Ola Balogun, de 32 anos, é um dos pioneiros do cinema da Nigéria. Diplomado no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos e, em Literatura, pela Universidade de Nanterre, na França, realizou nos últimos dez anos cinco longas-metragens: *Alpha* (1972), *Amadai* (1974), *Ajani Ogum* (1975), *Music Man* (1976) e *Freedom Fighters* (1978).

— A idéia de dirigir um filme aqui, convidado por Jece Valadão, me agradou

muito porque existem fortes ligações culturais entre Brasil e Nigéria — disse Ola. — Foi uma oportunidade muito interessante de desenvolver um trabalho sobre as semelhanças e influências culturais, especialmente no que se refere à cultura nagô.

Paralelamente à temática da busca, que é bastante freqüente na narrativa épica, o filme desenvolve uma história de amor: Babatunde conhece no Brasil Elisa e, em transe, descobre que ela é a mesma Amanda, por quem Oluyole se apaixonou ao tempo do Brasil colônia. E é Elisa quem incorpora Yemoja, divindade cuja estatua Babatunde carrega como uma espécie de senha para contactar seus parentes brasileiros.

No filme, Elisa e Amanda são interpretadas por Sônia Santos, cantora que estréia no cinema; Babatunde é Zózimo Bulbul e Jorge Coutinho faz o papel de Oluyole. Zózimo considera seu trabalho particularmente importante porque *A Deusa Negra* (na versão editada para a Nigéria, *Black Goddess*) "representa uma revisão crítica do posicionamento do negro brasileiro, depois de 90 anos de *abolição*". Já Sônia Santos prefere, dentre as duas mulheres que representa, a personagem Amanda, que tem "a visão e a postura da determinação". E Jorge Coutinho destaca como ponto crucial do filme o momento em que, durante a fuga, Oluyole exprime o desejo de encontrar Palmares, o quilombo, "para que seu filho conheça um tempo melhor".

*Direção, Argumento e Roteiro:* Ola Balogun. *Fotografia:* Edson Batista. *Cenografia:* Sebastião Januário. *Figurinos e Coreografia:* Raquel Trindade. *Música:* Remi Kabaka. *Montagem:* Philippe Gosselet. *Som direto:* Mário Silva. *Elenco:* Jorge Coutinho, Sônia Santos, Zózimo Bulbul, Léa Garcia, Roberto Pirilo, Milton Villar, Neuza Borges, Rui Pollanah, Maria da Graça, Clementino Kelé, Aniceto do Império, Ivan de Almeida, Emanuel Cavalcanti, Clea Simões, Quim Negro, Denny Perrier, Xica Xavier, Jurandir Silva, Vera Papua. *Participações especiais:* Neuza Amaral e Antônio Pitanga. *Produção:* Magnus Filmes, Afrocult Foundation. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil-Nigéria, 1978.